

# “Pedagogia do Esporte” no Brasil

*Pedagogy of sport in Brazil*

LUÍS CLÁUDIO DA MOTA CORRÊA

Mestre em Educação (UNIUBE)

E-mail: [kakaubasket49@gmail.com](mailto:kakaubasket49@gmail.com)

ADELINO JOSÉ DE CARVALHO DIAS

Doutor em Educação (UFU) e professor (UNIUBE)

E-mail: [adelino.dias@uniube.br](mailto:adelino.dias@uniube.br)

---

**Resumo:** O desenvolvimento das Ciências do Esporte, quando o esporte é tratado como um fenômeno sociocultural com diferentes funções e à disposição de todos, incluindo sua utilização para fins educativos, fez com que alguns estudiosos pudessem trabalhar com uma linha de pensamento, a Pedagogia do Esporte. O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão bibliográfica com a intenção de demonstrar alguns princípios da Pedagogia do Esporte que poderiam influenciar na iniciação esportiva, destacando a comunidade acadêmica dedicada à Pedagogia do Esporte divulgar mais estudos relativos aos processos de ensino, vivência e aprendizagem esportivas, estabelecendo interface entre a prática didática e a produção científica.

**Palavras-chave:** Pedagogia do Esporte, iniciação esportiva, ensino-aprendizagem no basquetebol.

**Abstract:** The development of Sports Sciences, when sport is treated as a sociocultural phenomenon with different functions and everyone's disposition, including its use for educational purposes, meant that some scholars could work with a line of thought, Sports Pedagogy. The objective of this work is to carry out a bibliographical review with the intention of demonstrating some principles of Sports Pedagogy, which could influence the initiation of sports initiation, highlighting the fact that the academic community dedicated to sports pedagogy disseminates more studies relating to the processes of teaching, experiencing and learning sports, establishing an interface between didactic practice and scientific production.

**Keywords:** sports pedagogy, sports initiation, teaching and learning in basketball.

---

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O desenvolvimento das Ciências do Esporte, quando o esporte é tratado como um fenômeno sociocultural com diferentes funções e à disposição de todos, incluindo sua utilização para fins educativos, fez com que alguns estudiosos pudessem trabalhar com uma linha de pensamento, a Pedagogia do Esporte.

Levantamos a hipótese de que atualmente na escola estamos priorizando atividades recreativas e não as de iniciação esportiva, o que, entendemos, seria apresentar o esporte às crianças e adolescentes através das aulas de educação física, o que repercute em embates entre aqueles defensores de educação física escolar voltada à

cultura corporal de movimentos e aqueles que se vinculam à Pedagogia do Esporte fundada na linha do aprender jogando.

Com a intenção de demonstrar alguns princípios da Pedagogia do Esporte na iniciação esportiva, de modo geral, este estudo se dividiu em três momentos, abordando, em síntese, a ação pedagógica, relacionada aos professores, de modo geral, e, principalmente, aos professores da Educação Física escolar, o fenômeno Esporte e seus diferentes significados e as relações entre a Pedagogia e o Esporte, fazendo com que se torne possível enxergar o processo da iniciação esportiva de modo abrangente, cumprindo integralmente seus objetivos educativos.

Por fim, destacamos a necessidade de a comunidade acadêmica dedicada à Pedagogia do Esporte divulgar mais estudos relativos aos processos de ensino, vivência e aprendizagem esportivas, estabelecendo interface entre a prática didática e a produção científica.

## A AÇÃO PEDAGÓGICA

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, escrito por Ferreira, Pedagogia é:

1. Teoria e ciência da educação e do ensino. 2. Conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrumentos que tendem a um objetivo prático. 3. O estudo dos ideais da educação, segundo uma determinada concepção de vida e dos meios (processos e técnicas) mais eficientes para efetivar estes ideais. 4. Profissão ou prática de ensinar (FERREIRA, 1986, p. 41).

A ação pedagógica se caracteriza pelo ato de ensinar, podendo ocorrer em qualquer relação que haja uma transmissão de conhecimentos, como na família, na escola, nas comunidades religiosas, nos clubes, nas praças esportivas e de lazer.

Para Marques (1996), a transmissão de conhecimentos sofre a influência do meio ambiente e da cultura estabelecida na vida em sociedade, a qual possui regras a serem respeitadas e transformadas, a partir do momento que novos conhecimentos são adquiridos, sendo que esta relação é chamada de educação. Segundo o autor,

[...] A educação, assim, não é senão a forma como os grupos sociais concretos e diferenciados organizam e conduzem suas vidas e suas lutas no âmbito da sociedade abrangente que entendem deva ser organizada e conduzida como horizonte ampliado e como determinante das situações que enfrentam. E entender as situações históricas em que vivem para organizá-las e a elas imprimir os rumos de sua escolha é o próprio desafio da educação como forma de vida e de inserção histórica dos grupos humanos, inserção política no processo de organização e condução da sociedade (MARQUES, 1996, p. 68).

Em geral, a intenção da educação é ajudar cada criança e adolescente a desenvolver seu potencial da melhor maneira possível. O movimento bem orientado é de fundamental importância para o desenvolvimento de todas as potencialidades dos jovens num todo integrado (GUERRA, 2001).

Para Marques (1996), quando o processo educativo deixa de ocorrer naturalmente, passando a ser planejado e organizado, constituindo-se como uma ação proposital de um grupo humano sobre si mesmo e sobre a continuidade das gerações, tem-se então a prática pedagógica. A relação entre a teoria e a prática é fundamental para a Pedagogia, não podendo ser apontado se uma antecede a outra. “Desta forma, a ciência da educação constitui-se na análise e reflexão do processo pedagógico enquanto explicitação das práticas educativas e das teorias que, em reciprocidade, constroem-se”. (MARQUES, 1996).

Sendo assim, a educação está relacionada com a transmissão de conhecimentos existentes numa vida em sociedade e a ação pedagógica serve para estruturar esta relação de ensino e aprendizagem, que acontecem em diferentes ambientes. Porém, a escola é o local onde a transmissão de conhecimentos é bem demarcada, com diferentes graus de dificuldade, sendo que a relação professor/aluno se faz presente.

Desse modo, a questão da educação tem na escola um dos seus pilares de sustentação, sendo que as políticas educacionais estabelecidas pelos governantes influenciam na ação pedagógica dos professores, segundo alguns estudiosos da Pedagogia, entre eles Ghiraldelli Júnior (1991), Freire (1992) e Bento (2000), e particularmente da Educação Física, como Bracht (1992), Freire (1994) e Brotto (1999).

Para Ghiraldelli Júnior (1991, p. 34),

Originalmente, pedagogia está ligada ao ato de condução ao saber. E, de fato, a pedagogia tem, até hoje, a preocupação com os meios, com as formas e maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento. Assim, a pedagogia vincula-se aos problemas metodológicos relativos ao como ensinar, ao que ensinar e, também, ao quando ensinar e para quem ensinar.

O autor faz um questionamento, perguntando se a escola deve ser um ambiente de “preparação para a vida”, ou deve apenas se preocupar em formar mão de obra para o mercado de trabalho.

Ao interesse no objetivo desse trabalho entendemos que é importante investir na autonomia desse sujeito, investir no desenvolvimento cognitivo desse educando, porque a se manterem as práticas meramente repetitivas tais metas não serão alcançadas.

A conscientização é também um evento subjetivo, de modo que cada sujeito é agente da sua própria libertação, em ação compartilhada por múltiplas consciências esclarecidas que decidiram lutar juntas. Não se admite que haja apenas uma parcela da coletividade que porte a consciência da totalidade, cabendo aos demais atuar, durante o processo de libertação, como força ainda não esclarecida, como sustenta Adorno (1995).

A educação emancipatória como projeto de um viver em comum não pode se sustentar na instrumentalização dos sujeitos, no uso de mecanismos discursivos descompromissados com o respeito ético às pessoas. Desse modo, por ser incompatível com esse projeto, recusa-se todo tipo de doutrinação ou manipulação das consciências.

Segundo Adorno (1995), entretanto, sabe-se que a educação tradicional vigente, em certo sentido, não efetiva substancialmente a transformação no âmbito educacional e social, apesar dos avanços tecnológicos utilizados na aprendizagem do educando. Ao mesmo tempo, fica explícita a necessidade de uma consciência crítica libertadora para desarticular a opressão incorporada à formação dos sujeitos.

De acordo com Freire (1987), pode-se dizer que, no entendimento freiriano, a educação tem como missão precípua possibilitar a libertação do sujeito a fim de que ele seja cidadão e agente de transformação, tanto no âmbito educacional como no contexto social. De acordo com o pensamento freiriano, o sujeito deve ser o protagonista de sua história social e cultural. Também deve ter como objetivo atingir o patamar intelectual e cognitivo de saída do estado de menoridade; para isso, deve insurgir-se e desinstalar-se da estreita e intransitiva consciência mágica – coisificada e subjugada – para uma consciência libertadora, crítica, pensante e problematizadora, que permita o enfrentamento da realidade opressora.

Como parte fundamental do ato pedagógico libertador, apresenta-se a necessidade de desobstrução do itinerário intelectual do educando, que produz a emancipação cognitiva, a capacidade de pensar criticamente, que é indispensável à orientação das ações na vida prática, nas decisões de ordem ético-políticas, ainda segundo Adorno (1995).

O autor faz uma discussão sobre pedagogias dominantes e não dominantes: a primeira possui uma teoria educacional que não leva em consideração os interesses de classes, fato não aceito pela outra. Por último, Ghiraldelli Jr. (1991) acredita numa Pedagogia Progressista, que deveria trabalhar com a questão dos conteúdos, da autoridade, não do autoritarismo, da coerção e da automatização.

Sendo assim, o exercício da função de professor possui um significado amplo, em que, através da transmissão dos conteúdos, independentemente de qual seja a disciplina, torna-se necessário um conhecimento sobre políticas educacionais, tentando assim passar uma visão democrática, não alienadora e, principalmente, criativa para os alunos, estimulando-os a participarem ativamente no processo de desenvolvimento da cidadania.

A atuação pedagógica deve ser encarada com responsabilidade, visto que o professor tem o poder de modificar o comportamento dos alunos, influenciar nas atitudes deles, tornando-o um cidadão importante no contexto sociocultural de uma nação.

Freire (1992) acredita que o educando deveria ser uma figura participativa no processo, não somente um receptor de informações, as quais são transmitidas pelo educador. Assim,

Os anos distantes de minhas experiências no SESI, de meu aprendizado intenso com pescadores, com camponeses e trabalhadores urbanos, nos morros e nos córregos do

Recife, me haviam vacinado contra a arrogância elitista. Minha experiência vinha me ensinando que o educando precisa de se assumir como tal, mas, assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer e que quer conhecer em relação com outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica reconhecer. No fundo, o que eu quero dizer é que o educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis, e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos (FREIRE, 1992, p. 81).

Para o autor, é preciso respeitar o conhecimento adquirido pelo educando antes de chegar à escola. O educador deve transmitir seus conteúdos, posicionando-se a favor deles, porém respeitando possíveis discursos contrários, não podendo ser autoritário. A educação, por sua própria natureza, é diretiva e política; os conteúdos devem ser compreendidos no seu momento histórico-social e cultural e as posições antagônicas devem ser respeitadas, jamais manipuladas.

Atualmente, com o desenvolvimento da tecnologia, dos meios de comunicação, os novos conhecimentos e as informações estão à disposição da população, de um modo mais rápido que alguns anos atrás. As crianças e os adolescentes, pelo menos nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, através da Internet, têm acesso a uma gama de informações, sendo impossível desprezar este saber. Cabe ao professor trabalhar com os alunos, através dos seus conteúdos, os verdadeiros significados das informações transmitidas, de modo democrático, para que os futuros cidadãos tenham uma visão crítica do processo de desenvolvimento de uma nação, e o único meio de se conseguir fazer com que as camadas populares obtenham tal visão crítica é através da educação.

Com relação à Educação Física escolar, esta disciplina parece ter sido influenciada historicamente pelas políticas públicas educacionais, as quais serviam aos interesses da classe dominante.

Conforme o que foi exposto, a Educação Física realizada nas escolas e o Esporte possuem trajetórias diferentes em suas histórias, não podendo ser dito que um é o mesmo que o outro. Nasceram praticamente no mesmo período, porém, em países diferentes, sendo que o primeiro se baseava em ginástica e o segundo em jogos com regras predeterminadas.

Bracht (1992) afirma que a Educação Física escolar brasileira nasceu desse contexto histórico e até a década de 1980 ela possuía esses dois pilares de sustentação, a Instituição Militar e a Instituição Esporte:

Se analisarmos através da literatura específica a forma cultural do movimento corporal que tem sido objeto da Educação Física no Brasil, veremos que inicialmente (pelo

menos até a década de 40 deste século), havia o predomínio do exercício ginástico – principalmente de orientação militarista – que a partir de então cede lugar progressivamente ao movimento na forma cultural de esporte. É lógico que outras expressões da cultura corporal ou de movimento, estiveram/estão presentes ou são tematizados na Educação Física, como a dança, jogos e brincadeiras populares. Parece-me, no entanto, que essas expressões constituem minoria, e que podemos falar de ginástica e posteriormente esporte, como as atividades, nos respectivos momentos históricos, que se apresentam como hegemônicos na Educação Física (BRACHT, 1992, p. 59).

O autor expõe que, no primeiro momento, o professor, influenciado pelo militarismo, era conhecido como instrutor e sua ação era baseada na apresentação de exercícios e na manutenção da ordem, cabendo ao aluno a repetição dos gestos e a aceitação da hierarquia e disciplina. No segundo momento, não havia diferenciação entre treinador e professor, sendo que os alunos eram tratados como atletas, em que os mais aptos momentaneamente eram favorecidos, de modo que a Educação Física escolar se constituía como uma área pouco preocupada com projetos de caráter social.

Bracht (1992) propõe uma pedagogia crítica para a Educação Física escolar, expondo que esta deveria sair de uma visão burguesa para uma visão social, servindo também aos interesses da classe trabalhadora e não somente à classe dominante, descrevendo alguns princípios, entre eles, a visualização que o movimento é humano, não somente ligado às habilidades motoras, que o processo de desenvolvimento da criança deve ser encarado a partir de sua condição social. Desse modo, o uso que os indivíduos farão do movimento não será determinado pela condição física ou outras habilidades e sim pela condição econômica, e isto deve ser compreendido pelos professores de Educação Física. O ensino das modalidades esportivas não poderia mais ser “adestrante”, pois os objetivos das aulas deveriam ser discutidos e compreendidos por professor e alunos, mutuamente.

O professor é um profissional, entre outros, bastante indicado à transmissão do conhecimento, e a sua intervenção deve ter como objetivo principal o crescimento e o desenvolvimento do campo de conhecimentos de seus alunos. Porém, o ato de ensinar tem uma amplitude mais significativa do que a luta por interesses de uma classe social, dominante ou dominada. O professor deve proporcionar aos seus alunos, através dos conteúdos de sua disciplina, uma oportunidade de compreensão e reflexão crítica da realidade, independentemente da condição econômica desses alunos.

Pode ser notado, pelas descrições de Bracht (1992), que a Educação Física escolar brasileira, num determinado momento histórico, utilizou e atualmente ainda utiliza o ensino e aprendizagem das modalidades esportivas em suas aulas. Ora, quando o tema é o esporte, o mesmo significa jogos, em que o aspecto competitivo está presente, como visto anteriormente, havendo sempre um vencedor e um vencido. Porém, trabalhando o esporte com fins educativos, torna-se possível fazer com que todos os participantes possam sair vencedores, explorando os valores positivos do esporte.

Para Brotto (1999, p. 67),

Através dos Jogos e Esportes temos a oportunidade de ensinar, aprender e aperfeiçoar não somente gestos motores, técnicas e táticas, nem somente, habilidades de desempenho que nos capacitam para jogar melhor. Isto é importante e é bom que seja muito bem feito. Contudo, a principal vocação da Educação Física e das Ciências do Esporte, neste momento, é promover a co- aprendizagem e o aperfeiçoamento de Habilidades Humanas Essenciais, como: criatividade, confiança mútua, autoestima, respeito e aceitação uns pelos outros, paz-ciência, espírito de grupo, bom humor, compartilhar sucessos e fracassos e aprender a jogar uns com os outros, ao invés de uns contra os outros... para vencer juntos.

Esse conhecimento e essa compreensão sobre o esporte podem ter faltado para os profissionais da Educação Física escolar. Entendendo-se e trabalhando esses valores positivos presentes nas atividades esportivas, estas podem se tornar educativas.

A iniciação esportiva com fins educativos pode ser trabalhada tanto no âmbito da escola, quanto no dos clubes, praças esportivas e academias, pois essas diferentes agências de ensino trabalham com a mesma faixa etária, crianças e adolescentes.

Outro autor que critica os caminhos seguidos pela Educação Física escolar brasileira é Freire (1994, p. 95):

Na verdade, a Educação Física que as pessoas do meio educacional conhecem e a sociedade em geral conhecem é essa que todos cursamos um dia, rígida, militarista, discriminadora. Quantos dos menos hábeis da classe, colocados à margem da Educação Física, não assumiram postos de direção no sistema, contribuindo para perpetuar o menosprezo por essa disciplina? Mesmo reconhecendo que é necessário ter Educação Física nas escolas, essa que todos conhecemos não serve mais. Ora, se se exige que todas as disciplinas cumpram um papel educativo definido no programa escolar, por que não o exigir da Educação Física?

Esse descaso com a Educação Física escolar somente terminará quando os profissionais da área se conscientizarem do momento ruim que ela está enfrentando, tentando encontrar meios para a superação dessa fase. Aumentar o leque de conhecimentos, mantendo-se atualizado com as novidades de uma área tão abrangente, procurando sempre ser criativo na transmissão dos conteúdos dessa disciplina aos alunos, parece ser um meio bastante significativo.

Outro ponto pertinente é que essa crise passada pela Educação Física realizada nas escolas, a qual não é considerada nem disciplina obrigatória e sim uma atividade extracurricular, não é exclusividade dela, pois, atualmente, várias profissões estão se

remodelando ou até desaparecendo do mercado de trabalho com o avanço da ciência, da tecnologia e da globalização.

Enxergando-se por um prisma positivo, a Educação Física escolar brasileira bem estruturada, com o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação, que ainda são novos nas faculdades de Educação Física do país, pouco mais de quarenta anos aproximadamente, com vários estudos sendo realizados nas áreas da Educação Motora e Ciências do Esporte, alguns apresentados neste estudo), Bracht (1992), Freire (1994), Kunz (1994), Paes (1996) e Brotto (1999), questionando e propondo novos caminhos para essa atividade, pode ser novamente, num futuro bem próximo, um bom campo de trabalho para os profissionais da Educação Física, até mesmo nas escolas públicas, já que a qualidade de vida e a promoção da saúde estão intimamente ligados com a prática de uma atividade física.

Para Freire (1994), o ato pedagógico deve ser criativo, em que o professor, ao propor as atividades, provoque nos alunos um desequilíbrio compatível com seu desenvolvimento:

Uma proposta pedagógica não pode estar nem aquém nem além do nível de desenvolvimento da criança. Uma boa proposta, que facilite esse conhecimento, é aquela em que a criança vacila diante das dificuldades, mas se sente motivada, com seus recursos atuais, a superá-las, garantindo as estruturas necessárias para níveis mais elevados de conhecimento (FREIRE, 1994, p. 86).

Na iniciação esportiva, quanto mais diversificadas, criativas e motivadoras forem as atividades, mais se aumentam as possibilidades do desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social das crianças e adolescentes, para que tenham uma melhora significativa, proporcionando boas respostas a novas situações que possam aparecer.

Por isso, defendemos que o esporte precisa voltar a ser apresentado na escola com suas potencialidades. Entendemos o quanto é importante utilizarmos as possibilidades do esporte em uma perspectiva pedagógica, seja no âmbito escolar, seja no âmbito do clube. Sabemos hoje que o esporte no Brasil vem sendo feito há bastante tempo nos clubes, o que indica nas décadas recentes que há uma exclusão de vários talentos que não possuem uma condição econômica de frequentá-los em outros espaços sociais, o que, ao final, limita a possibilidade de uma criança e/ou adolescente conhecer algum esporte.

A ação pedagógica deve ser precedida de uma visão crítica sobre o contexto na qual ela está inserida. O acesso à educação é um direito de todo e qualquer cidadão. Elevar os alunos a um patamar onde eles possam ter consciência da realidade, refletindo sobre suas atitudes, pode ser considerado como um dever do educador, respeitando as virtudes e as limitações de cada um.



## O ESPORTE COMO FENÔMENO

Conhecer e compreender o Esporte como um fenômeno abrangente, com diferentes significados, pode ser de grande valia para os profissionais da área da Educação Física e do Esporte, de modo geral.

Esse assunto é complexo, devido à importância do Esporte na vida das pessoas, pois esse fenômeno pode ser utilizado de várias formas por elas. Exemplificando, existem as pessoas que o utilizam de modo profissional (atletas, técnicos, dirigentes, entre outros), ou somente para a ocupação do tempo livre, podendo ser participantes ativos ou passivos de algum tipo de atividade relacionada ao Esporte, ou seja, praticando a atividade ou apenas assistindo a ela, no próprio local do evento ou pelos meios de comunicação, televisão ou rádio.

O esporte participa direta ou indiretamente das nossas vidas, possui espaço garantido em todos os jornais, em horários nobres da TV, estando presente nas atividades de lazer, em competições de alto nível, nos clubes, escolas, entre outros. Segundo Santin (1996), os esportes são reproduções de valores de uma cultura de uma determinada ordem social em que se encontram inseridos e tem como objetivo introduzir seus praticantes nessas ordens socioculturais, ficando evidente seu valor educativo.

Durante toda a sua evolução, o esporte refletiu valores da sociedade. Foi assim nos jogos esportivos gregos da Antiguidade, Idade Média ou no seu momento capitalista. Foram percebidas inúmeras modificações no esporte da modernidade, e uma dessas mudanças foi a perda da essência lúdica. Krebs (1992) defende que o esporte tenha que ter ar de festa, ser uma maneira alegre e divertida de viver e, acima de tudo, manter o lúdico.

A adoção de políticas públicas voltadas para a utilização do Esporte como meio de educação, saúde, lazer, turismo é comum em alguns países, aumentando o leque de possibilidades, fazendo com que esse fenômeno supere a visão simplista de enxergá-lo somente em forma de jogos, torneios e campeonatos, em que o aspecto competitivo tem prioridade, sendo premiados somente os melhores de cada modalidade.

É possível enxergar no Esporte pontos positivos e negativos, dependendo do meio em que tal fenômeno pode ser utilizado. Devido a esse fato, existem autores, entre eles, Kunz (1994), Paes (1996), Tani (1996) e Montagner (1993) que criticam algumas formas de sua utilização, apresentam suas diferentes possibilidades, reconhecendo sua importância.

O Esporte é um fenômeno acessível à boa parte da população, podendo ser utilizado de várias formas. Exemplificando, o jogo de futebol visto nas praças esportivas ou mesmo nas ruas, principalmente no Brasil, pode ter um valor igual ou superior a uma final de Copa do Mundo, dependendo de quem participa desses jogos ou apenas assiste a eles. Ou seja, cada um faz do Esporte o que achar mais interessante. Ele pode ser encarado como uma simples atividade construtiva, para fins recreativos, buscando a integração e benefícios para a saúde dos participantes, ou como uma atividade destrutiva, em que o perdedor encara a atividade com frustração e o vencedor, como uma forma de se valorizar e subestimar o adversário.

Alguns fatos históricos, como o boicote dos Estados Unidos da América à Olimpíada de Moscou devido à guerra fria em 1980, podem comprovar a existência de atitudes com objetivo de manipular o Esporte e o atleta na sua essência, ou seja, a busca diária pela superação de recordes e conquista de títulos. Porém, existem outros fatores que conduzem esse fenômeno a superar essa análise negativa.

Outro ponto importante a ser destacado é que o fenômeno Esporte possui múltiplas possibilidades, sendo que o esporte de alto rendimento (ou profissional) aparece como um desses caminhos.

Os atletas do sexo masculino, independentemente da modalidade esportiva, possuem atualmente alguns dos melhores salários do mercado de trabalho, além de serem conscientes que uma boa performance significa melhores recompensas financeiras, tornando-os vulneráveis em relação à estrutura esportiva profissional, mas não alienados.

Sendo assim, as críticas podem ser pertinentes, enxergando-as por um prisma humanístico, mas quem vive do esporte profissional está num ambiente que possui os seus problemas, assim como em qualquer outra profissão.

Kunz também faz críticas ao esporte profissional, relacionadas às questões políticas e econômicas envolvidas nesse contexto:

O esporte é atualmente um produto cultural altamente valorizado em todo mundo, pelo menos no sentido econômico. São investidas somas extraordinárias para que resultados cada vez melhores sejam alcançados. E a ciência que está a sua disposição não é uma ciência com interesse no humano ou na sua dimensão social, mas com interesse tecnológico e de rendimento. Esta ciência torna os indivíduos praticantes deste esporte, como objetos de manipulação, objetos à sua disposição, para “trabalhá-los” de uma forma externa a eles próprios, ou seja, sem a sua participação efetiva na busca de soluções para o aperfeiçoamento físico-técnico. A participação subjetiva dos praticantes do esporte de alta performance fica cada vez mais reduzida aos atletas de elite, provocado, exatamente, por estas “fábricas de campeões”, que são os modernos centros de treinamento esportivo. Alguns técnicos, inclusive, reconhecem que está “produção industrial” do atleta a longo prazo traz prejuízos também para o rendimento de alguns atletas (KUNZ, 1994, p. 22).

Os casos de doping e fraudes ocorridos no meio profissional esportivo justificam a explanação de Kunz (1994), pois alguns atletas, em busca de medalhas e bons patrocínios, acabam aceitando essas condições não condizentes com o fenômeno esportivo.

É preciso salientar que esse esporte citado por Kunz (1994) é o chamado profissional, em que o atleta é um trabalhador como outro qualquer, buscando melhores salários, somente conseguidos com a obtenção de melhores resultados, tendo

consciência da exploração de sua imagem pelos patrocinadores, para obtenção de lucro. Sobre as múltiplas possibilidades do fenômeno esportivo, Paes faz análise positiva:

Hoje o esporte não possibilita somente a participação de uma elite esportiva, mas sim a participação de diferentes profissionais que constituem as ciências do esporte e a participação de um ilimitado número de espectadores. Além disso, torna-se uma rica fonte geradora de empregos, bem como uma opção de lazer e turismo, permitindo aos espectadores a ocupação de seu tempo livre de diferentes formas. Para nós, os problemas ocorridos com os profissionais não são privilégio somente dessa profissão e, em uma análise otimista, o esporte moderno trouxe benefícios que ainda não conseguimos perceber (PAES, 1996, p. 69).

O atual estágio desse fenômeno, com programas de esportes diários nos canais de TV abertos e nas rádios, redes sociais, streaming, além de canais de TV fechados transmitindo inúmeras modalidades olímpicas ou não durante as 24 horas do dia, cadernos de esportes nos jornais e o grande consumo de roupas, materiais esportivos, como também a exploração da própria imagem dos atletas, são indícios que determinam esse otimismo demonstrado pelo autor. Enxergando-o como mercadoria de consumo, Paes ainda afirma:

O esporte moderno tornou-se um produto de grande aceitação no mercado. Algumas modalidades, por sua beleza plástica, tiveram notável encaixe na televisão, configurando-se como uma excelente estratégia de marketing, ou seja, o esporte sendo utilizado como um agente possibilitador de vendas. Entendemos que o esporte proporciona espetáculos em função de algumas características que, para nós, são básicas. A incerteza gerada pela competição existente nesse fenômeno: a busca da vitória e a tentativa de superação (quebra de recordes) são fatores que interferem significativamente na qualidade do espetáculo. Nessa perspectiva, o espetáculo esportivo nunca se repete. O crescimento da indústria esportiva é atribuído à boa qualidade dos eventos esportivos; o esporte moderno é quase que uma garantia de lucro (PAES, 1996, p. 67).

Atualmente, os grandes eventos esportivos no Brasil e no mundo estão sempre acompanhados de inúmeros patrocinadores, fazendo com que os organizadores sejam obrigados a se adaptarem às exigências feitas por eles. Exemplo disso são os horários e dias dos jogos de futebol, que há muito tempo deixaram de ser somente às quartas-feiras à noite e aos domingos à tarde e as mudanças nas regras do voleibol, encurtando o seu tempo de jogo, podendo assim serem transmitidos pelos canais de TV (abertos ou

fechados), além dos jogos da NBA (Liga Profissional Americana de Basketball), que vem crescendo muito no mercado brasileiro ano após ano.

Outro fator importante em relação ao marketing esportivo, como visto anteriormente, são as parcerias entre os clubes e associações esportivas com as empresas, determinando o fim do amadorismo, com os profissionais (atletas, comissão técnica e dirigentes) sendo bem remunerados e trabalhando período integral em suas equipes, elevando o nível das competições, conquistando mais público, fato este visto no voleibol, basquetebol e futsal nos últimos quinze anos, obtendo como consequência uma maior exposição de marcas e produtos específicos.

Para Montagner (2000, p. 405),

[...] o esporte tornou-se uma grande fonte de comunicação, com ilimitadas e inesgotáveis formas e ferramentas de marketing que muitas vezes a linguagem verbal ou outras ferramentas não conseguem alcançar com a mesma facilidade de linguagem.

Completando o que foi descrito anteriormente sobre o esporte profissional e apontando-o como outra possibilidade do fenômeno Esporte, Paes sintetiza:

O objetivo do esporte profissional é chegar a um meio de sobrevivência. Um atleta pratica o esporte como profissão e, como profissional, convive com as implicações inerentes ao seu trabalho. No caso do atleta, uma melhor performance pode significar melhor salário, e esta busca por melhores salários pode ser observada em todas as profissões; portanto, isso não é privilégio do esporte profissional, nem mesmo deveria ter tanto destaque nos trabalhos que tratam da Educação Física escolar. Alguns termos utilizados em diferentes estudos que também tratam do esporte, entre outros, esporte-espetáculo, alto nível, alto rendimento, mercadoria, performance, podem simplesmente ser compreendidos como referentes ao esporte profissional, cujo objetivo é obter lucros. Entretanto, a obtenção de lucros não o desqualifica como esporte, sua legitimidade e dignidade devem ser respeitadas (PAES, 1996, p. 74).

Paes entende como outro caminho para o Esporte a sua utilização como conteúdo das aulas de Educação Física escolar no ensino fundamental, justificando que a profissionalização do esporte não foi um problema e sim uma solução para melhor compreensão do mesmo, podendo assim ser definido com clareza os objetivos de cada um (esporte profissional e esporte como meio educacional), afirmando:

É com essa intenção que defendemos uma reformulação do esporte na escola, pois, como conteúdo de uma área de conhecimento, seu aprendizado poderá ocorrer através de

uma pedagogia em que o jogo terá fundamental importância sobre todo o processo. O aprendizado do esporte na escola poderá ocorrer privilegiando seu caráter lúdico, proporcionando aos alunos a oportunidade de conhecer, aprender, tomar gosto, manter interesse pela ação esportiva e ainda contribuir para a consolidação da Educação Física escolar como uma disciplina. Tudo isso com objetivos pedagógicos que transcendem os objetivos do esporte com um fim em sua prática (PAES, 1996, p. 75).

Sendo assim, não se pode simplesmente reproduzir um sistema de organização esportiva voltado para adultos, com intenções de trabalho profissional, para ambientes que se utilizam da iniciação esportiva para fins educativos, nos quais os participantes principais são crianças e adolescentes, como são os casos da Educação Física escolar e das escolas de esportes realizadas em clubes, praças esportivas e academias.

Tani (1996) também diferencia esporte profissional, o qual é chamado pelo autor de esporte rendimento, do esporte para fins educativos, que é analisado pelo autor, como conteúdo da Educação Física.

Para Tani (1996, p. 35),

O esporte rendimento caracteriza-se, entre outras coisas, pelos seguintes aspectos: ele objetiva o máximo em termos de rendimento pois visa a competição; ocupa-se com o talento e, portanto, preocupasse essencialmente com o potencial das pessoas; submete pessoas a treinamento com orientação para a especificidade, ou seja, uma modalidade específica; enfatiza o produto e resulta em constante inovação. O interesse principal do esporte de rendimento é a perpetuação do sistema de autopreservação e o sistema só se perpetua com recordes. Os motivos desse interesse podem ser culturais, econômicos, políticos e ideológicos.

Quanto ao esporte para fins educativos, Tani (1996, p. 35-36) afirma:

O Esporte como conteúdo da Educação Física tem as seguintes características: objetiva o ótimo rendimento, respeitando as características individuais, as expectativas e as aspirações das pessoas; ocupa-se com a pessoa comum, preocupando-se não apenas com o seu potencial mas também com a sua limitação; visa à aprendizagem e portanto submete pessoas à prática vista como um processo de problemas motores; orienta-se para a generalidade, dando oportunidades de acesso a diferentes modalidades; enfatiza o processo e não o produto em forma de rendimentos ou recordes, e essa orientação resulta na difusão do esporte como um patrimônio cultural.

Estão explícitas nos dizeres do autor as diferenças entre o esporte profissional e esporte que deve ser trabalhado na iniciação, com crianças e adolescentes.

Paes (1996) acredita que uma Pedagogia do Esporte deve ter como objetivo a participação de todos. Sendo assim, o Esporte pode ser utilizado como ocupação do tempo livre, relacionado à área de Recreação e Lazer, outro ramo ligado à Educação Física.

Nessa perspectiva, tanto os participantes dos jogos envolvendo as modalidades esportivas, campeonatos não oficiais, minimaratonas e inúmeras atividades próprias do Esporte, nas quais o objetivo não é financeiro e sim a qualidade de vida, como também os indivíduos que assistem os eventos esportivos em casa ou nos estádios e ginásios utilizam-se desse fenômeno para ocupar algumas horas de folga do seu trabalho, demonstrando outro ponto positivo do mesmo.

A Educação Física adaptada é outro ramo dessa área de conhecimento utilizadora do Esporte, visto que as atividades esportivas têm sido bastante recomendadas pelos médicos no tratamento de doenças respiratórias, cardíacas, da obesidade, como também para os indivíduos da terceira idade e os portadores de algum tipo de deficiência. Portanto, é mais uma possibilidade do fenômeno esportivo.

## AS RELAÇÕES ENTRE A PEDAGOGIA E O ESPORTE

A ação pedagógica está relacionada com o ato de ensinar, enquanto o Esporte é um fenômeno de múltiplas possibilidades. Articulando-os, chega-se à Pedagogia do Esporte. Vários autores escrevem sobre o tema, entre eles, Coelho (1988), Kunz (1994), Paes (1996) Freire (1998), Bento (2000) e Scaglia (2003).

Kunz argumenta que,

Se o esporte de alto rendimento, ou de competição, com seus valores, normas e exigências é o esporte aceito de forma evidente e inquestionável em todas as instâncias onde ele possa ser praticado sem que se altere a sua estrutura básica para atender interesses compatíveis com os praticantes, isto ainda não garante que os “interesses reais” destes praticantes estejam na prática deste esporte, pelo menos da mesma forma como ele se apresenta para os que treinam diariamente (KUNZ, 1994, p. 25).

O autor acredita num esporte em que a performance deixa de ser o seu ponto principal; para isso propõe que os alunos devam ser instrumentalizados de forma a compreender esse fenômeno para além de suas capacidades e conhecimentos da simples prática esportiva.

Ainda para Kunz (1994, p. 28),

Um esporte que não necessariamente precisa ser tematizado na forma tradicional, com vistas ao rendimento, mas com vistas ao desenvolvimento do aluno em relação a determinadas competências imprescindíveis

na formação de sujeitos livres e emancipados. Refiro-me às competências da autonomia, da interação social e da competência objetiva, as quais tentarei elucidar mais adiante. Para tanto, exige-se uma compreensão do fenômeno esporte que deve ir além de sua efetividade prática, como pretende os teóricos da nova tendência da Educação Física brasileira, embora ainda não se saiba como. O fenômeno social do esporte para poder ser transformado uma atividade de “interesse real” a todos os participantes deve ser compreendido na sua dimensão polissêmica. Isto significa que compreender o esporte nesta dimensão deve abranger também, conforme Brodtmann/Trebels (1979): 1. Ter a capacidade de saber se colocar na situação de outros participantes no esporte, especialmente daqueles que não possuem aquelas “devidas” competências ou habilidades para a modalidade em questão; 2. Ser capaz de visualizar componentes sociais que influenciam todas as ações socioculturais no campo esportivo (a mercadorização do esporte, por exemplo); 3. Saber questionar o verdadeiro sentido do esporte e por intermédio desta visão crítica poder avaliá-lo.

A iniciação esportiva tendencialmente parece estar voltada para a revelação de talentos em qualquer que seja o esporte. Além disso, o principal recurso utilizado para motivar o interesse dos alunos é a competição, privilegiando os mais aptos momentaneamente.

Os profissionais que trabalham com a faixa etária em questão devem entender que os adolescentes possuem os mesmos direitos e deveres. Além disso, o crescimento, o desenvolvimento e a maturação são próprios de cada aluno, podendo ser precoce em alguns e tardia em outros; os menos aptos num determinado momento podem se superar e conseguir futuramente melhores performances, colocando-os em igualdade aos mais aptos inicialmente.

A iniciação esportiva deve possuir um ambiente prazeroso, em que a participação é prioridade e a relação professor/aluno ocorra de forma coerente, proporcionando a todos um melhor conhecimento de suas possibilidades como participante desse fenômeno. O importante é que todos tenham consciência do alcance social do Esporte, podendo, assim, utilizá-lo da melhor forma possível explorando suas múltiplas possibilidades.

O trabalho com as atividades esportivas para crianças e adolescentes deve ser voltado para fins educativos, tendo como objetivos a educação e a formação de futuros cidadãos e a identificação de talentos para as categorias posteriores.

Paes (1996) entende como necessário para a Pedagogia do Esporte que esta respeite uma sequência adequada ao processo de desenvolvimento das crianças e adolescentes, propondo a utilização do “Jogo Possível” como um recurso facilitador importante, mas não o único.

Paes explica o “Jogo Possível”:

Para nós, o jogo possível possibilita o resgate da cultura infantil no processo pedagógico de ensino do esporte, tornando seu aprendizado uma atividade prazerosa e eficiente no que diz respeito à aquisição das habilidades básicas e específicas. Nossa experiência no trabalho com iniciação esportiva possibilitou algumas descobertas e adaptações em jogos ou brincadeiras já conhecidas, porém, direcionamos essas atividades buscando o aprendizado coletivo (PAES, 1996, p. 113).

Scaglia (2003) acrescenta que nessa proposta apresentam-se os jogos/brincadeiras como meio viável para o ensino-aprendizagem pela compreensão, entendidos como uma unidade complexa, ou seja, partes que detêm a essência do todo, permitindo a transferência dinâmica organizacional à unidade complexa do jogo formal. Dessa forma, coabita o universo lúdico da criança e do ambiente, prazeroso e diversificado, proporcionado pelo jogo/brincadeira, com o fazer sistematizado e objetivado, o ensinar, por meio do jogo.

Para Scaglia (2003), o professor/técnico deverá ser o agente estimulador desse processo, propondo atividades coesas com o nível e habilidades dos indivíduos (alunos) e também com a responsabilidade de propor atividades desafiadoras que possibilitem aos alunos construir de forma gradativa sua inteligência para o jogo. O professor, que tem por função desequilibrar o aprendiz, propõe dificuldades constantes e graduais, instigando os alunos a irem além e superarem novos desafios, levando-os a essa descoberta.

A partir do desenvolvimento da inteligência do jogador para o jogo, possibilita-se ao aluno ser capaz de ler o jogo e, em meio a diversidade de soluções, resolver diversos problemas decorrentes do ambiente de jogo.

O autor referido escolheu algumas modalidades coletivas (Voleibol, Basquetebol, Futebol e Handebol), que possuem fundamentos básicos em comum, além de conhecidos da cultura esportiva brasileira, facilitando o desenvolvimento de alguns valores presentes, como o trabalho em grupo, organizando uma proposta para a Educação Física escolar do ensino fundamental. Segundo Paes (1996, p. 111),

A construção desta pedagogia de esporte partirá de um pressuposto que diz respeito à importância de elegermos elementos comuns às quatro modalidades. A partir de uma delimitação do desenvolvimento desses elementos, caminharemos na direção de trabalharmos os fundamentos específicos de cada modalidade, situações de jogo e sistemas.

O autor acredita na diversificação no processo de aprendizagem do esporte, argumentando que esse procedimento possibilita o conhecimento de diferentes modalidades, como também amplia o leque de respostas motoras às inúmeras situações imprevisíveis decorrentes do jogo. Paes (1996) aponta algumas características em que a



Pedagogia do Esporte deve se pautar: levar em consideração as múltiplas possibilidades do Esporte, compreendendo diferentes significados; ter a participação como princípio; negar a especialização precoce; pautar-se pela diversificação de modalidades; ter o jogo como recurso pedagógico importante, porém não o único; instrumentalizar o aluno para conviver com esse fenômeno, o Esporte Moderno.

Essa proposta apresenta pontos interessantes, partindo do pressuposto que o jogo é um fator motivador, tendo inúmeros elementos importantes para a convivência em sociedade, em que os alunos começam a perceber suas limitações e, através da cooperação e da competição, tornam o jogo possível.

A diversificação dos movimentos, respeitando as características individuais, pode contribuir para o desenvolvimento de seu praticante em todos os aspectos. Além disso, aumenta o leque de oportunidades, tornando possível para cada aluno a descoberta, de forma natural, da modalidade com cujos fundamentos básicos ele mais se identifica, fato que pode trazer consequências positivas, pensando num futuro esportivo.

Coelho (1988) também aponta algumas vantagens no trabalho com a iniciação esportiva, levando em consideração os aspectos pedagógicos. Entre elas, podem ser destacadas a oportunidade de aprender a cooperar e competir, respeitar os companheiros de grupo, como também das outras equipes; autoconhecimento de suas possibilidades e limitações; ampliação da autoestima e autoimagem positivas, através do melhor domínio de técnicas e da parte física e autoafirmação perante os adultos, contribuindo para desenvolver personalidades fortes, estáveis e independentes.

Para que essas oportunidades se concretizem, torna-se necessário uma adequada orientação por parte dos professores. Sobre essa orientação, Coelho (1988, p. 74) expõe:

[...] a) responda às necessidades, interesses e motivações das crianças e jovens – Necessidade de movimento e de dispendir energia; – Necessidade de expressar o seu comportamento lúdico e de dar largas à sua criatividade; – Necessidade de êxito, sucesso, reconhecimento e aprovação; – Necessidade de expressar as suas tendências sociais, de pertencer a um grupo, participar nesse grupo e contribuir para ele. b) que atenda às diferenças individuais de maturação, capacidade e personalidade e às etapas de desenvolvimento do indivíduo.

O autor afirma que grande parte dos insucessos vem da falta de conhecimento da natureza psicológica e pedagógica por parte dos responsáveis pelo ensino e aprendizagem da prática desportiva, incluindo não só os professores e treinadores, mas também os pais, os dirigentes, os árbitros e o público em geral nessa lista.

Para Coelho (1998, p. 11),

Antes de se prepararem atletas preparem-se pessoas; os praticantes, especialmente crianças e jovens, são facilmente influenciados pelos adultos nos seus hábitos, atitudes e comportamentos; a componente

psicopedagógica é indispensável a uma efetiva formação dos praticantes; as características que devem “marcar” os praticantes adultos de nível só se “constroem” durante o período da respectiva formação e com uma intervenção psicopedagógica adequada e correta. Sendo assim, a forma como perspectivam a sua participação e a das crianças e jovens na prática desportiva é o suporte a partir do qual os agentes esportivos constroem o seu comportamento concreto: a forma como intervêm, como transmitem conhecimentos, como reagem às situações e como se relacionam com todos os intervenientes no fenómeno esportivo.

Desse modo, a importância dos professores no processo de formação das crianças e adolescentes, através do ensino e aprendizagem dos esportes, é algo significativo. A ação pedagógica deve ser encarada com responsabilidade, em que é necessário estar atento ao contexto, de modo geral, não somente ao que acontece dentro das quadras, no momento das aulas e dos jogos.

O professor deve criar um bom relacionamento com as pessoas que o cercam de forma indireta, ou seja, pais, amigos, dirigentes e árbitros, conseguindo o apoio delas, aumentando a confiança no seu trabalho, conseqüentemente, melhorando a qualidade de suas aulas. Coelho (1988) apresenta e defende a importância de dois momentos distintos no processo de iniciação ao esporte. Para o autor, a aprendizagem esportiva deve considerar duas fases, uma de Formação, durando até o final da puberdade, em que o principal é o desenvolvimento e o secundário, o rendimento; outra de Especialização, após o fim da puberdade, em que o rendimento passa a ter prioridade sobre o desenvolvimento.

Coelho (1988, p. 66) completa:

Torna-se claro que a orientação do processo de formação desportiva deve distinguir-se da orientação do processo de especialização com implicações diretas sobre o dimensionamento e as características essenciais do desporto infantil e juvenil; o tipo de intervenção dos adultos; a natureza das atividades a se realizar. A iniciação e a orientação desportivas devem, por isso, estar subordinadas às necessidades do crescimento das crianças e jovens entre 10 e os 16 anos, atender aos seus interesses e ajustar-se ao seu perfil etário.

Essa divisão por fases poderia direcionar os trabalhos que envolvem a iniciação esportiva, pois obedece a uma sequência pedagógica, partindo de atividades gerais, num primeiro momento, caminhando para atividades específicas, num segundo momento.

Desse modo, a utilização de jogos, em que a cooperação e a competição estão presentes, constituindo-se como recursos utilizados no processo de formação, a organização de campeonatos e torneios têm por objetivo apontar os melhores. Assim, num primeiro momento, a participação seria algo fundamental, dando oportunidades

para mais crianças e adolescentes se utilizarem da iniciação esportiva, podendo ter chances de realizar seus sonhos. Após essa fase, poderia então iniciar o processo de seleção, com dois pontos importantes. Com mais oportunidades, os próprios alunos acabam descobrindo suas virtudes e limitações, fazendo com que naturalmente acabem se autoavaliando sobre suas reais possibilidades num futuro como esportista e, ainda, seria aumentado o número de possíveis participantes do processo seletivo.

Freire (1998) faz uma análise sobre a Pedagogia do Esporte, enxergando o fenômeno sociocultural de forma abrangente, em que o processo de ensino supera as questões voltadas somente à aprendizagem de gestos esportivos. Para o autor, é preciso ensinar Esporte a todos, pois está diretamente comprometido com o conhecimento, aprendido e, portanto, independente do conhecimento já estabelecido.

Segundo Freire (2003), o ensinar esporte a todos deverá estar orientado tanto para aquele que joga, sendo que, para este, deverá proporcionar o aprender ainda mais, aprender a jogar melhor, quanto para aquele que não sabe jogar, se responsabilizando por fazer que este possa aprender o mínimo suficiente para poder jogar ou praticar o esporte. E, se entendemos o jogo/esporte como um conhecimento que se desenvolveu culturalmente, também devemos compreendê-lo como “um direito humano que deve ser estendido a todos os cidadãos, não a um pequeno grupo de privilegiados” (FREIRE, 2000, p. 94).

Importante ensinar bem esportes a todos, ou seja, “não basta ensinar; é preciso ensinar bem” (FREIRE, 2003, p. 9). Além de ser direito a ser estendido a todos os homens, deverá estar comprometido a ensinar bem a todos, ou seja, um ensinar comprometido com o indivíduo estabelecido dentro do processo pedagógico.

Ainda, ensinar mais que esporte a todos: “não pensamos só no craque; pensamos, mais que isso, na sua condição humana” (FREIRE, 2003, p. 10), ou seja, para ensinar esporte, o professor deve estar ciente de sua tarefa educacional. O ensinar uma ação intencional, portanto sistematizada, deverá estar comprometido com os princípios éticos, morais, afetivos, sociais etc. e, de forma autônoma, levar os indivíduos a compreender suas próprias ações.

Ensinar também a gostar do esporte: para quem não se limite a fazer somente na escola de esporte ou aulas de educação física, mas que o esporte possa ser reproduzido, praticado no momento de lazer e recreação. Para isso, Freire (2003, p. 10) diz que, “antes de qualquer ensinamento, o aluno precisa aprender a gostar do que faz”.

Desse modo, a Pedagogia do Esporte possui uma matriz teórica que pode dar respaldo para as atividades práticas. Sendo assim, os objetivos da iniciação esportiva poderiam ser cumpridos de modo integral, a educação e formação de futuros cidadãos e a identificação de talentos para as categorias posteriores das diversas modalidades.

Para Bento (2000, p. 15),

[...] a Pedagogia do esporte tem que ser uma pedagogia da palavra nova e alta, aberta, aumentativa, crescida e substantiva. Uma pedagogia contra a palavra pequena, deprimente, envergonhada, fechada, baixa, rasteira e banal. Uma pedagogia da essencialidade contra a banalidade, da profundidade contra a superficialidade, da

autenticidade contra a intensidade. Uma pedagogia da palavra viva, desafiadora, encorajadora e contagiante, contra a palavra da negação, do silenciamento e morte da nossa condição de humanos. Uma pedagogia que entenda o desporto como um meio de dar a palavra ao homem, de o retirar da vergonha do silêncio. Uma pedagogia da qualidade e de palavras de qualidade sobre o desporto, sobre as suas práticas e sobre os praticantes. Uma pedagogia das razões de educar o homem no e pelo desporto.

Finalizando esta seção, serão apresentadas algumas características das agências de ensino que podem trabalhar com a iniciação esportiva, baseada na Pedagogia de Esporte, ou seja, escolas, públicas e particulares, clubes, praças esportivas municipais e academias ou escolas de esportes.

Todas as agências citadas trabalham com um público alvo semelhante, crianças e adolescentes. Deste modo, a Pedagogia do Esporte poderia ser utilizada como referencial teórico e prático para as atividades esportivas realizadas nas mesmas. Com relação à escola, existem duas possibilidades.

As escolas públicas, divididas nas redes municipal e estadual, têm em seus currículos as aulas de Educação Física da 1º a 9º ano (ensino fundamental) ministradas pelos os professores dessa disciplina, enquanto as escolas estaduais, iniciam as aulas com professores específicos da área, somente a partir do 6º ano. Até a 5º ano, existem as atividades físicas e esportivas, porém organizadas pelo professor chamado de polivalente, visto que é responsável pela transmissão de conhecimentos em várias disciplinas.

As escolas particulares, por serem entidades privadas, têm suas próprias normas de ação. As aulas de Educação Física ocorrem na maioria delas, porém algumas estão terceirizando esse serviço, fazendo parcerias com academias. Além disso, várias escolas particulares estão organizando os chamados clubes de esportes em suas próprias dependências, ou seja, o aluno pode escolher algumas modalidades de seu interesse, praticando-as com professores específicos para cada uma delas.

Uma vez que a maioria dos estados e municípios brasileiros passa por uma crise financeira, torna-se possível uma análise até certo ponto negativa sobre o atual momento da Educação Física nas escolas públicas, com poucos investimentos, tendo materiais e instalações, em vários casos, em estado precário, dificultando a realização de trabalhos competentes nessa disciplina.

Algumas atividades esportivas são realizadas para os alunos das escolas públicas, como campeonatos escolares, olimpíadas estudantis, jogos escolares brasileiros, entre outros. Porém, com a deterioração do ensino público, esses eventos perderam um pouco de sua importância, já que as federações específicas de cada modalidade dão importância quase que exclusiva para os trabalhos realizados nos clubes. Uma postura até certo ponto equivocada, pois, com toda certeza, é nas escolas públicas municipais ou estaduais que se concentram a maioria da população de crianças e adolescentes, podendo ser realizado o processo de democratização do Esporte.

É possível que se realize nas escolas particulares uma análise contrária à das escolas públicas, isto porque estas entidades vêm descobrindo e investindo no Esporte, enquanto fenômeno sociocultural, explorando a sua grandiosidade e suas múltiplas possibilidades.

Essas possibilidades podem ocorrer de forma direta, utilizando a estrutura dos clubes de esportes, ou de forma indireta, através de parcerias entre as escolas e os clubes – geralmente são cedidas algumas bolsas de estudos para os jogadores, em troca da utilização dos espaços para propaganda nestes locais e a representação em eventos esportivos escolares. Ainda sobre a escola, colocados juntos os alunos das escolas públicas e os das escolas particulares, praticamente toda a população de crianças e adolescentes estariam inseridas nesse processo, fato que deveria despertar o interesse das autoridades, visando à construção de uma política educacional esportiva com o objetivo de democratizar o esporte, explorando seus valores positivos.

Atualmente, existem duas possibilidades de análise relacionadas aos clubes. A primeira, relacionada aos clubes socioesportivos tradicionais, nos quais os associados compram os títulos e frequentam suas dependências e praticam as atividades promovidas, mantendo sua mensalidade em dia. Essas entidades normalmente realizam trabalhos com a iniciação esportiva, participando de campeonatos e eventos organizados por federações e ligas regionais, sendo responsáveis pela maior parte dos indivíduos que tem acesso aos ambientes esportivos na faixa etária em questão.

Já a segunda, conhecida como o clube fictício, geralmente não possui rede social e esportiva próprias, utilizando dependências municipais para formação de equipes esportivas profissionais e amadoras, representativas dos municípios. Ou seja, como as federações exigem que as equipes sejam ligadas a alguma entidade regulamentada, não permitindo a participação das prefeituras no processo de forma isolada, torna-se viável a parceria entre clubes e as prefeituras.

Nesse processo, geralmente também é envolvida uma empresa patrocinadora das equipes esportivas, ocorrendo então a entrada do marketing nos ambientes esportivos, em que se tornou comum encontrar ginásios municipais pintados nas cores do produto que dá nome às equipes. Poucas são as entidades organizadas desse modo que se preocupam concretamente com trabalhos de iniciação esportiva. Quando isto acontece, deve-se ao fato de as federações, na maioria das vezes, obrigarem as equipes profissionais a organizarem equipes nas categorias menores. Outro fato frequente neste tipo de relação passa pela questão de o patrocinador expor seu produto no mercado, utilizando a via esportiva, obtendo resultados significativos na venda desse produto, perdendo o interesse pelo patrocínio na próxima temporada ou até mesmo no próximo campeonato, não havendo continuidade dos trabalhos, causando a incerteza dos participantes diretos desse processo, técnicos, atletas, dirigentes e grupos de apoio.

As academias, também conhecidas como escola de esportes, que trabalham com ensino e aprendizagem das modalidades esportivas com crianças e adolescentes, prioritariamente parecem pretender a estabilização financeira, o que significa estar buscando diferentes formas de conseguir aumentar seu público. Devido ao fator financeiro, os alunos desse tipo de agência de ensino têm influência pequena na população participante da iniciação esportiva.

Portanto, unindo todos os participantes que praticam alguma modalidade esportiva nas agências de ensino citadas, obviamente seria aumentado o leque de oportunidades para que mais crianças e adolescentes pudessem se utilizar do Esporte, sendo que esse fenômeno poderia auxiliar na educação desses indivíduos, consequentemente na formação dos futuros cidadãos. Seria aumentado também o número de jogadores que poderiam participar das categorias posteriores à da iniciação esportiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi apresentar estratégias que possam auxiliar os professores na iniciação esportiva voltada para fins educacionais. Sendo assim, inferimos que os aspectos pedagógicos poderiam influenciar de modo positivo na educação e formação de futuros cidadãos e, se for o caso, na identificação de talentos para as categorias posteriores desta modalidade.

Sustentamos que a competição exacerbada tem influenciado negativamente, inclusive no processo de ensino e aprendizagem da prática esportiva, em termos de iniciação, dando indícios de que os fundamentos do esporte profissional estão sendo reproduzidos em um esporte que deveria ser voltado para fins educativos.

Em conformidade com a Pedagogia do Esporte, que possui princípios e entende o fenômeno esportivo de modo abrangente, entendemos que ela pode servir como respaldo teórico e prático para as atividades esportivas oferecidas às crianças e aos adolescentes, em diferentes agências de ensino.

Nessa perspectiva, ao englobar a iniciação esportiva e aumentar o leque de oportunidades, os indivíduos têm acesso não só aos campeonatos ditos oficiais, mas também à prática esportiva, que contribui para que esses indivíduos compreendam que a educação está relacionada com a transmissão e a produção de conhecimentos existentes numa vida em sociedade. A ação pedagógica serve para estruturar essa relação de ensino e aprendizagem que ocorre em diferentes ambientes.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BENTO, J. O. **Contexto e perspectivas**. Separata de: Pedagogia do Desporto: perspectivas e problemáticas. Lisboa, PO: [s. n.], 2000, p. 5-95.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999, 189f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

COELHO, OI. **Pedagogia do desporto**: contributos para uma compreensão do desporto juvenil. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

GHIRALDELLI JR., P. **O que é pedagogia**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GUERRA, J. **Basquete**: aprendendo a jogar. Bauru. Editora Idea, 2001.

KREBS, R. J. Da estimulação a especialização motora: primeiro esboço de uma teoria da especialização motora. **Revista Kinesis**, Santa Maria, n. 9, p. 29-44, 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/8408>.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Uuújuí, 1994.

MARQUES, M. O. **Pedagogia**: a ciência do educador. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 1996.

MONTAGNER, P. C. **Esporte e competição X educação? O caso do basquetebol**. 1993, 148 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Metodista de Piracicaba, 1993.

PAES, R. R. **O processo de desenvolvimento do talento**: o caso do basquetebol. 1996. Tese (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

SCAGLIA, A. J. **A Educação e o esporte**. São Paulo: Ed. Helath, 2003.

TAN, G. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 09-50, 1996.